

Transformações no Cerrado

Paulo Henrique Martinez

¹Professor do Departamento de História, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, Brasil. E-mail: labhima@uol.com.br

Recebido em 19.03.2013

Aceito em 10.04.2013

RESENHA

PIETRAFESA, José Paulo; DUTRA E SILVA, Sandro. *Transformações no Cerrado: progresso, consumo e natureza*. Goiânia: PUC/GO, 2011. 328 p. Notas. Bibliografia. ISBN 9788571037380.

As coletâneas temáticas de artigos e capítulos são recorrentes nas várias áreas do conhecimento, ora como divulgação de resultados de pesquisas obtidos individual ou coletivamente, ora como balanço, exame e avaliação crítica de abordagens, interpretações e objetos de estudo. Este livro, organizado pelos professores do ensino superior e pesquisadores José Paulo Pietrafesa e Sandro Dutra e Silva transita entre um e outro enfoque. *Transformações no Cerrado* reuniu um grupo de estudiosos procedentes de diferentes instituições e especialidades disciplinares, como ciências ambientais e da saúde, direito, ecologia, economia, geografia, história, química e sociologia. O livro faz a conjunção destas perspectivas na análise de um objeto comum - o combalido bioma que conhecemos como Cerrado.

É oportuno lembrar que este bioma recobriu originalmente áreas estimadas em dois milhões de quilômetros quadrados do território brasileiro, que as manchas e remanescentes de matas e campos do Cerrado figuram entre os 25 pontos de maior vulnerabilidade ambiental do planeta, e que o conhecimento científico e a apreciação crítica dos usos humanos deste território ainda são incipientes e desafiadores. As universidades encontram no Cerrado palco para estudos e a formação de profissionais. Elas também geram subsídios para as políticas públicas nas várias áreas do conhecimento científico, das artes e da cultura. A publicação deste volume expressa esta realidade e revela o campo de possibilidades abertas aos analistas, pesquisadores, técnicos, gestores públicos e privados e estudantes nas diversas fases de formação acadêmica, intelectual e profissional.

Não é apenas o volume que tem autoria coletiva. A maioria dos capítulos também

aglutina dois ou mais autores. Multidisciplinar, coletivo, diversificado em temas e em abordagens críticas, o livro estampa a própria complexidade e a singularidade do Cerrado. Os onze capítulos estão agrupados em duas partes, com traços distintos e complementares, além de variado material empírico, e não amarram os leitores a um percurso rígido pelas suas páginas.

A primeira parte aborda as grandes alterações no espaço e na história do bioma no Planalto Central do país. Elas derivam de ações e dos impactos resultantes do estabelecimento de atividades agropecuárias, indústrias, produção sucroalcooleira, urbanização, políticas públicas de crédito, tributação e de investimento, saúde humana, e uso da terra. Outros assuntos tratados são a degradação e as iniciativas em busca de sustentabilidade ambiental, como os projetos baseados no Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), o planejamento do turismo e a certificação de produtores, de serviços e de mercadorias. Os sete capítulos que compõem essa primeira parte nos proporcionam um retrato surpreendente da recente onda de ocupação e de expansão econômica no Cerrado e as suas projeções no tempo, no espaço e na vida humana, a partir da década de 1970. A expansão da pecuária e das culturas agrícolas anuais, principalmente a soja e o milho, agora é sucedida pelo estabelecimento da cana e de seu séquito de usinas sucroalcooleiras. A adoção de novos padrões de produção e de trabalho, típicos da sociedade urbana e industrial na era da globalização, impõe ao Cerrado goiano a disseminação da cultura e da agroindústria canavieira e as transformações que acarretam no cotidiano social, na estrutura fundiária, no aproveitamento da terra, nos recursos hídricos e na rica biodiversidade (amparada em endemismos botânicos e faunísticos).

A segunda parte do livro reúne quatro capítulos dedicados às percepções e aos prognósticos de ação humana futura nas áreas estudadas. Esses capítulos transcendem o território do estado de Goiás. Aqui espaço e tempo estão entrelaçados pelo exame das práticas do desmatamento, das políticas públicas, da indústria atual e potencial do turismo, dos desafios para a gestão dos grandes rios que interligam o Cerrado aos ecossistemas da Amazônia, como o rio Araguaia, da Caa-tinga, como o rio São Francisco, e da Mata Atlântica, como o rio Paraná. Os impactos trazidos pela contaminação atmosférica e das águas e solos, pelos usos mais intensivos da terra e pela urbanização no Cerrado, alcançam e irmanam-se às dinâmicas sociais e econômicas dos biomas circunvizinhos, amplificando a importância e o interesse pelos capítulos avulsos ou no conjunto das duas partes e do livro. Vale destacar a identificação do predomínio das representações culturais em narrativas literárias e sociológicas que caracterizam a presença humana nas fronteiras da colonização como uma guerra contra as populações autóctones e a natureza tropical, retratados como hostis e traiçoeiros. Paralelamente, são encontradas simbologias que afirmam a riqueza da terra e dos recursos naturais no solo, águas e no subsolo do Brasil central.

A escala inicial, regionalizada, remete o leitor para outros patamares e ordens de problemas, em escala nacional e mundial. As transformações no Cerrado goiano esquadrihadas pelos autores são recentes e estão em pleno curso. Elas surgem enlaçadas à conversão brasileira aos ditames neoliberais que vigoraram

hegemônicos, entre 1990 e 2005, nas políticas públicas e nas ações governamentais em todos os níveis – nacional, estadual, municipal e do Distrito Federal. As transformações às quais o título do livro faz menção vinculam-se à instalação repentina da cadeia produtiva da cana-de-açúcar e ao redirecionamento da terra agricultável para a monocultura de médio prazo, em substituição às atividades pecuárias, leiteiras, às culturas anuais de grãos e à agricultura familiar. As novas plantações nascem atreladas às usinas de açúcar e álcool, demandam e atraem volumosa mão de obra sazonal, com baixa remuneração e submetida a condições precárias de vida, saúde e trabalho.

Os impactos sociais chegam de mãos dadas com os impactos ambientais e ganham expressão indisfarçável. Em 2011, o estado de Goiás registrou 867 casos de libertação de trabalhadores escravizados em unidades produtivas canavieiras. Alcoolismo, o consumo de drogas e a violência incorporam-se ao novo perfil do campo e das cidades goianas. Os impactos aparecem ainda no inchaço dos bairros periféricos nas maiores cidades e no prolongamento das “pontas de ruas” nas pequenas. Carências na saúde pública, no transporte, na moradia, na alimentação e no lazer e problemas no ambiente natural despontam como novos desafios aos gestores, profissionais, empregadores, pesquisadores e habitantes das cidades goianas. A expansão da infraestrutura necessária ao escoamento e à exportação do etanol completa as pressões, com a ampliação da malha viária, a hidrovía no rio Paraná, lagos e represas de hidrelétricas, um álcoolduto na região central do estado deverá escoar essa produção a centenas de quilômetros, até Paulínia, no estado de São Paulo.

Assistimos neste início de século à incorporação do espaço goiano e do Cerrado ao mercado mundial da agroenergia, expressa em novas formas de organização de espaços urbanos e rurais. É esta conexão internacional que desencadeia o conjunto de transformações e o séquito de mudanças sociais, urbanas, agrárias, ambientais, hídricas e econômicas apreendidas em cada um dos capítulos e partes do livro. Estamos longe de uma obra de interesse e de alcance regional. *Transformações no Cerrado*, em suas variáveis de progresso, consumo e natureza, é obra que descortina os sentidos do crescimento econômico vivido em nosso país na última década e das iniciativas do governo federal em prol do ideário de “desenvolvimento com inclusão social”.

O caso goiano revela com nitidez a imensidão do fosso que vai separando, na prática cotidiana da vida da população, dos trabalhadores rurais e dos pequenos agricultores, um e outro polo daquele binômio do discurso político. Está em jogo o atendimento do mercado mundial e nacional, real, potencial ou imaginário. Os elevados e imediatos custos sociais e ambientais conexos são relegados ao segundo plano, transferidos para as próximas gerações, ou simplesmente ignorados sob as acusações de atraso e de oposição elitista feitas aos que relativizem ou questionem os benefícios alardeados para breve. A legislação social, trabalhista, tributária e ambiental pertinente é insuficiente, burlada e desprezada. A validade e a necessidade da leitura do livro crescem, uma vez mais, diante dos nossos olhos. *Transformações no Cerrado* desvenda a história em processo e exhibe o sentido que

ela assume para diferentes atores sociais – governos, empresários, trabalhadores, consumidores, dirigentes políticos – e escalas espaciais, do local ao global.

Nos âmbitos local, regional e nacional, o processo em curso descrito no livro estabelece vínculos entre o atendimento de interesses dos proprietários e dos investidores rurais e agroindustriais e as ações de distintas esferas do Estado. O apoio político nas instâncias legislativas e executivas nutre a atuação de governantes e de parlamentares na fixação e na adequação de normas e diretrizes para políticas setoriais de ordem tributária, social, ambiental, de crédito, planejamento, investimento público e assistência técnica, entre outras. Este passivo político não está restrito aos arranhões que promove na cidadania. Ele alcança níveis como a desnacionalização da economia, a transferência gratuita e descontrolada de tecnologia agrícola e industrial especializada para as regiões tropicais e a maior vulnerabilidade do país decorrente da dependência de capitais e dos mercados externos.

A trajetória recente do Cerrado em Goiás não parece promissora. Há possibilidades e perspectivas para a promoção do desenvolvimento local sustentável a partir do planejamento da atividade turística. Este ramo de produção e serviços permite a articulação de políticas de geração de emprego e renda, educação e qualificação profissional, conservação da natureza e do patrimônio histórico, diversidade cultural. Trata-se de uma alternativa econômica atraente quando confrontada com o caráter insustentável do programa de agroenergia. As proposições da indústria turística, até o momento, não foram capazes de equacionar os gritantes passivos sociais e ambientais representados pela pobreza, a concentração da terra e da renda, o desmatamento, a contaminação do ar, das águas e do solo, perdas na biodiversidade, erosão e assoreamento de rios e córregos, migrações, sazonalidade do trabalho, a deterioração da saúde pública, a disseminação de drogas e o aumento da violência urbana.

Transformações no Cerrado expõe com clareza caleidoscópica as agruras e as contradições que o Brasil vive nas relações da nossa sociedade e o meio ambiente neste século. Por fim, é lamentável a falta de maior cuidado editorial na revisão dos textos, pois em muitas passagens a atenção do leitor é afrontada com erros gramaticais, ortográficos e estilísticos. No entanto, o leitor que perseverar na leitura será gratificado.

